

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

A conversação como um dispositivo de psicanálise em extensão

Conversation as a psychoanalysis device in extension

La conversación como dispositivo de psicoanálisis en Extensión



Mariana Machado Santa Barbara

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil, marianamsb94@gmail.com



Ivone Maia de Mello

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil, immello@uesc.br

Resumo: O conceito da Conversação aparece em diversos campos e também é utilizado como um dispositivo da Psicanálise, no qual é necessário que a Conversação seja mediada por um/uma analista para que se configure como tal. O objetivo deste artigo, resultado de uma pesquisa teórica, orientada pelo método psicanalítico, articulada a uma experiência de extensão, é fazer uma articulação entre o dispositivo das Conversações e a psicanálise. As Conversações clínicas foram inicialmente pensadas por Jacques-Alain Miller para os encontros clínicos entre psicanalistas, podendo o dispositivo da Conversação ser ampliado como um dispositivo da psicanálise em diversos contextos, a exemplo de escolas. Isso porque a Conversação promove encontros para que haja uma “associação livre coletivizada”, a palavra circulando a partir da interlocução com o outro, de forma que o sujeito possa deslocar algo de sua posição frente ao seu mal-estar, produzindo efeitos de

diminuição da angústia. Este trabalho resulta do encontro da pesquisa com a extensão, em que estudos teóricos, de natureza bibliográfica, atravessados por conversações teórico-clínicas sobre a psicanálise no contexto institucional da universidade, denominado de psicanálise em extensão no âmbito psicanalítico, são convidados a contribuir com atividades de extensão universitária no contexto das atividades do Projeto Sala de Cinema, na UEFS. Dessa interlocução resulta um artigo que é ao mesmo tempo teórico-prático, na medida em que conceitos e experiências são articuladas para elucidar a proposta das conversações interdisciplinares, orientadas pela psicanálise, como a uma aposta no encontro e no saber de cada um como abertura para que algo novo possa surgir.

Palavras-chave: psicanálise; extensão; conversação; cinema;

Abstract: The concept of Conversation appears in several fields and is also used as a device of Psychoanalysis, in which it is necessary that the Conversation be mediated by an analyst to configure it as such. The objective of this article, the result of a theoretical research, guided by the psychoanalytic method, articulated with an extension experience, is to make an articulation between the device of Conversations and psychoanalysis. Clinical Conversations were initially conceived by Jacques-Alain Miller for clinical meetings between psychoanalysts, and the device of Conversation can be expanded as a device of psychoanalysis in different contexts, such as schools. The device of Conversation can be a device of psychoanalysis in extension. This is because Conversation promotes meetings so that there is a "collectivized free association", the word circulating from the interlocution with the other, so that the subject can move something from his position in the face of his discomfort, producing effects of decreasing anguish. Conversation appears as an experience from which something of the subject effect can be gathered. A bet on the encounter and knowledge of each one as openings for something new to emerge in the discourse.

Keywords: psychoanalysis; extension; conversation; movie.

Resumen: El concepto de Conversación aparece en varios campos y también es utilizado como dispositivo del Psicoanálisis, en el cual es necesario que la Conversación sea mediada por un analista para configurarla como tal. El objetivo de este artículo, resultado de una investigación teórica, guiada por el método psicoanalítico, articulada con una experiencia de extensión, es hacer una articulación entre el dispositivo de las Conversaciones y el psicoanálisis. Las Conversaciones Clínicas fueron inicialmente concebidas por Jacques-Alain Miller para reuniones clínicas entre psicoanalistas, y el dispositivo de Conversación puede expandirse como un dispositivo de psicoanálisis en diferentes contextos, como las escuelas. El dispositivo de la Conversación puede ser un dispositivo del psicoanálisis en extensión. Esto porque Conversación promueve encuentros para que haya una “asociación libre colectivizada”, la palabra que circula desde la interlocución con el otro, para que el sujeto pueda mover algo de su posición ante su malestar, produciendo efectos de disminución de la angustia. La conversación aparece como una experiencia de la que se puede extraer algo del efecto del sujeto. Una apuesta por el encuentro y el conocimiento de cada uno como aperturas para que surja algo nuevo en el discurso.

Palabras clave: psicoanálisis; extensión; conversación; cine.

Data de submissão: 07/09/2022

Data de aprovação: 24/09/2022

Introdução

O conceito da Conversação aparece em diversos campos, dentre eles, como um dispositivo da Psicanálise. O que difere esta das demais é que, como dispositivo da Psicanálise a mediação é feita por um/uma analista. O primeiro contato que tive com o conceito da Conversação foi através de um componente curricular intitulado *Sofrimento Psíquico na Contemporaneidade*, que cursei na Universidade Estadual de Feira de Santana. Ali iniciei minha compreensão do que seria a Conversação, uma forma de diálogo que faz circular a palavra a partir de algo como um filme, um texto, um encontro para que temas possam ser discutidos e os presentes possam se pronunciar. Não para que um saber se sobreponha a outro, nem para apenas uma troca de ideias, mas para que algo novo possa ser construído por cada um a partir do encontro. Uma das Conversações que participei foi através do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise da Universidade Estadual de Feira de Santana (LAPPSI/UEFS), do qual faço parte como voluntária de iniciação científica. Nele, participei do grupo de estudos *Conversações Clínica*. No grupo foram promovidos quatro encontros para que fosse possível um conhecimento do trabalho clínico desenvolvido a partir da orientação lacaniana, através do contato com Conversações clínicas publicadas.

O percurso neste artigo vai desde o conceito de Conversação para a Psicanálise como um dispositivo de Psicanálise em Extensão, perpassando até experiências tanto minhas como coletadas em outros artigos, para que seja possível

acompanhar a prática da Conversação unida à teoria do conceito. O enfoque será na Conversação, como um dispositivo da Psicanálise em extensão, pensada de forma que o sujeito possa deslocar algo de sua posição frente ao seu mal-estar, para produzir efeitos de diminuição da angústia.

Desenvolvimento

O presente artigo se desenha a partir das experiências extensionistas associadas a um percurso de pesquisa teórica em psicanálise da qual não se pode atravessar sem ter algo de implicação da pessoa que pesquisa. Este trabalho implica na escolha de investigar um dispositivo que escapa à lógica hierarquizada, sendo uma alternativa a isso. Ou seja, uma mediação/coordenação com presença que favorece a circulação, para além do certo e errado. De modo que, o espaço sirva para valorizar a posição do sujeito com tudo que isso implica na sua história e seus saberes. Diante disso, a fala, a partir do seu lugar, pode servir para que o sujeito desloque algo de sua posição frente ao seu mal-estar. O método psicanalítico inclui também a noção de vazio, na medida em que é impossível a apreensão completa de algo, restando sempre o que escapa unido à interpretação do pesquisador que lê o que foi produzido (TAVARES & HASHIMOTO, 2013).

A pesquisa realizada foi feita dentro de um plano de trabalho de iniciação científica voluntária, intitulado *Clínica*

das Urgências Subjetivas, vinculado ao projeto de pesquisa *O Conceito de Sinthoma em Lacan e suas consequências clínicas*, no Laboratório de Pesquisa em Psicanálise da Universidade Estadual de Feira de Santana (LAPPSI/UEFS). Nesse contexto já estavam presentes as conversações em grupos de estudos sobre a teoria da clínica psicanalítica. A aproximação entre a proposta dessas conversações teórico-clínicas e o projeto de extensão universitária, em sua metodologia dialógica, valorizou a enunciação de cada sujeito, para além de demais aspectos presentes nas conversações como dispositivo orientado pela psicanálise. Assim como a presença de psicanalista na orientação das atividades do Projeto Sala de Cinema, ao qual estava vinculada a atividade Cinema de Animação - do Teatro de Sombras à Computação Gráfica, cadastrada na PROEX UEFS como - Cinema: Subjetividade, Cultura e Poder (Resolução CONSEPE 113/2011 de 25/07/2011) essas conexões permitiram uma articulação entre pesquisa e experiência extensionista. Desta atividade participei como mediadora da Conversação, o processo teve início nas redes sociais e no blog do projeto. Enquanto metodologia, a equipe de organização usou essas redes para divulgar o cartaz com informações do filme e da atividade, bem como os textos de referência, para que os inscritos pudessem se inteirar da discussão. Minha função como mediadora era promover a circulação da palavra. De início, eu fiz uma fala com cerca de 30 minutos, utilizando referências da psicanálise e de outras fontes para abrir a conversa sobre o tema. Em seguida, para

favorecer a participação, eu propus a construção de uma nuvem de palavras, na qual cada participante da Conversação responderia a pergunta colocada, em seguida as respostas apareceriam em conjunto para serem visualizadas por todos. Durante a mediação, a ideia foi levantar questões para abrir espaço onde os envolvidos dissessem suas palavras sobre a discussão. Desse modo, construir uma associação livre e coletivizada, sem pretensão de construir uma verdade.

A atividade aconteceu como ação junto a comunidade externa da universidade, aberto ao público, numa troca de saberes e experiências relacionados ao encontro que cada um teve com o filme. Diante disso, eu senti que, por escapar da lógica do certo/errado, essa forma de fazer a conversa acontecer favoreceu a participação do público. Não havia algo pré anunciado, apenas a fala de cada um, a partir de sua posição. Sendo assim, inclui o percurso singular da história dos participantes, não somente os saberes coletados e validados via instituição. Um espaço para que a palavra pudesse circular livremente e mesmo vinculada à universidade, não era fechado a esse campo, mas aberto para a interação com a realidade.

A Conversação como essa ação de extensão me proporcionou um intercâmbio entre a pesquisa e a extensão, em contato com a comunidade externa. Ou seja, uma abertura para o campo de difusão, socialização e democratização do conhecimento produzido dentro da universidade, criando uma relação dialógica entre o

conhecimento acadêmico e a comunidade. De igual importância, a presença de um praticante da psicanálise favorecendo a circulação das palavras orientada pela ética da psicanálise.

As Conversações dentro da Psicanálise se iniciaram com Jacques-Alain Miller como Conversações clínicas, encontros entre psicanalistas, de convocação ao trabalho a partir da discussão dos casos clínicos. Segundo Judith Miller (MILLER, 2008), a Conversação resulta da disciplina e do desejo de cada um:

Disciplina: envio e recepção de um material escolhido; reflexão pessoal aprofundada sobre esse material, suas consequências, suas implicações, suas questões; divisão, troca, confronto das cogitações de cada um; aparecem no momento de concluir de um novo paradigma. (MILLER, 2008, p.12)

A Conversação como uma ferramenta da psicanálise conserva a ética da psicanálise e revela a implicação da psicanálise aos sintomas da modernidade, “Sem Standard, mas não sem princípios” (MILLER, 2008, p.12). Sendo assim, a Conversação serve como uma forma de avaliar o alcance da prática psicanalítica, sendo um momento de investigação clínica. Um exemplo disso é a Conversação Clínica do Campo Freudiano que reúne, todos os anos, em Barcelona, docentes e participantes das atividades do Instituto do Campo Freudiano.

Diante disso, vemos a psicanálise ampliar seu escopo de atuação ao adentrar as instituições, como no *Centro inter-disciplinar de Estudos sobre a Criança* (CIEN), que desenvolve um trabalho orientado pela psicanálise, desde o início de suas atividades:

Criado em 24 de julho de 1996 por Jacques-Alain Miller e, desde então coordenado por Judith Miller, o Centro inter-disciplinar de Estudos sobre a Criança – CIEN, é uma instância internacional, ligada aos Institutos do Campo Freudiano, onde a questão em jogo é abordar, de forma inter-disciplinar, com os profissionais concernidos, as dificuldades encontradas pelas crianças e adolescentes no laço social. (CIEN BRASIL, 2012)

Apostar na Conversação como forma de intervenção quando um impasse emerge, dentro da rotina de trabalho de profissionais de diversas áreas, contribui a partir de uma posição de extimidade, ao mesmo tempo que profundamente implicada e de algum modo fora dos discursos vigentes. O que aponta para outras funções possíveis do dispositivo das Conversações, para além de sua finalidade clínica, como nessa experiência de extensão.

Para Judith Miller, “o Cien é uma dessas instâncias que resultam da concepção que Lacan tem das diferentes tarefas que ele espera dos psicanalistas de suas Escolas, para estarem, como esclarece, à altura de seus deveres nesse mundo” (2013, p.24). Ela faz referência a Lacan que,

em 1964, no Ato de Fundação da Escola Francesa de Psicanálise destaca a Seção de Psicanálise Aplicada, no qual ele descreve que nela estarão:

grupos médicos, sejam eles ou não compostos de sujeitos psicanalisados, desde que estejam em condição de contribuir para a experiência psicanalítica: pela crítica de suas indicações em seus resultados; pela experimentação dos termos categóricos e das estruturas que introduzi como sustentando a linha direta da práxis freudiana - isso no exame clínico, nas definições nosográficas e na própria formulação dos projetos terapêuticos. (LACAN, 1964/2003, p. 237)

Em seu texto *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre a Psicanalista da Escola*, Lacan situou a psicanálise aplicada à extensão:

da junção do que chamarei, neste arrazoado, respectivamente, de psicanálise em extensão, ou seja, tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela. (LACAN, 1967/2003b, p.251)

Apontar a psicanálise em extensão sendo uma psicanálise aplicada à terapêutica, como a forma que a psicanálise se coloca no mundo. A psicanálise aplicada, em extensão: “é no próprio

horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da psicanálise em intensão” (LACAN, 1967, p. 256). Não apenas como uma nova técnica, mas como uma aposta na capacidade do discurso analítico, que apesar de manter a ética da psicanálise, caminha de forma diferente pelos espaços institucionais.

Jacques-Alain Miller (2001) aponta que a psicanálise em extensão é a colocação em prática da psicanálise a certos campos, mantendo a disciplina, contudo sem a exigência de que o procedimento seja levado até o fim e se produza um analista. Em extensão será, portanto, a psicanálise como um discurso que fornece condições para a extensão da operação da psicanálise sobre outros campos do saber. Assim sendo, uma forma de apostar na contingência do encontro como um possível gerador de consequências. O analista atua como um parceiro que traumatiza o discurso comum e faz uma espécie de furo nas idealizações, nos lugares socialmente indicados, para que possa emergir a singularidade do discurso de cada um, evidenciando o dispositivo da Conversação como um dispositivo da psicanálise em extensão. Isso porque a Conversação promove encontros para que haja uma associação livre coletivizada, a palavra circulando a partir da interlocução com o outro, de forma que o sujeito possa deslocar algo de sua posição frente ao seu mal-estar, para produzir efeitos de diminuição da angústia.

No dispositivo da Conversação a proposta é que se abra um espaço para a invenção, a partir dos efeitos possíveis da enunciação para aquele que fala, ao tomar uma posição subjetiva diante de seu dizer. Efeitos passíveis de serem alcançados por

cada um que esteja presente na cena da Conversação e os que dela fazem parte indiretamente (MAIA, 2019).

Maia (2019) destaca que na Conversação é preciso que seja preservado o “vazio pulsante”, que desaloja o ser falante do lugar de mestre e possibilita invenções. “De um espaço que não quer dizer nada, pode surgir um dizer.” (MAIA, 2012, p.17) Para que esse vazio se preserve, Beatriz Udênio diz que é necessário ao menos um “analista esclarecido”, que possa sustentar uma posição de não-saber (MAIA, 2019).

O espaço da conversação possibilita um deslocamento que faça, através da circulação do discurso promovida pelo encontro, aparecer o não saber, o desejo de saber, o sujeito. Sujeito que, para Lacan (1960/1998), é uma subversão do sujeito do cogito cartesiano, o avesso deste. Desde Freud, para a psicanálise, o sujeito é percebido em sua subversão, que tem como via de expressão o desejo.

É dessa descontinuidade no real, nos deslizos do significante, na irrupção dos lapsos e dos tropeços que o inconsciente se revela. Inconsciente que é um saber que fala por conta própria, “saber é coisa que se diz, que é dita” (LACAN, 1969-70/1992, p. 66). Colocar em jogo o saber sem sujeito desencadeia uma potência, é ir além do mestre e das identidades, é esse saber que pode ser posto em circulação por meio do dispositivo da Conversação.

A Conversação, como dispositivo de pesquisa e intervenção, vem sendo proposto pela professora Ana Lydia Santiago aos pesquisadores do *Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação* (Nipse), da Universidade Federal de Minas

Gerais (FaE/UFG), os quais, entre outras atividades, desenvolvem um trabalho em escolas do município de Belo Horizonte.

Em seu texto *As armas do analista frente ao discurso racista*, Santiago (2018) traz um relato acerca de sua experiência no âmbito de uma pesquisa/intervenção realizada em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte/MG, que apresentava, na ocasião, o menor *Índice de Desenvolvimento Escolar Básico* (IDEB) e o mais baixo resultado na Prova Brasil, avaliações censitárias promovidas pelo *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais* (INEP). No texto, Santiago (2018) destaca a utilização do dispositivo das Conversações como metodologia de pesquisa na intervenção feita nesta escola.

Santiago (2018) apresenta que, durante uma das entrevistas, Júlia, uma menina de nove anos de idade, “explicitou o nó do racismo e sua interferência no acesso à alfabetização(...) Ao tomar a palavra, ela afirma: ‘*Só os brancos aprendem*’ e ‘*Ler e escrever não é para negros*’ (SANTIAGO, 2018, p.1). A menina conta que, na sua sala de aula, apenas Isabela, uma de suas colegas, e a professora, sabiam ler. Santiago (2018) prossegue o relato dizendo, “Júlia transforma-se visivelmente durante a entrevista: no início, ela fala baixinho, de cabeça baixa; depois, vai mostrando gosto pela palavra; e, no final, pede para voltar e conversar mais” (SANTIAGO, 2018, p.1).

O dispositivo, segundo Santiago (2018), “mostrou-se uma arma potente” (SANTIAGO, 2018, p.1). Diante da prática racista, a associação livre coletivizada abriu um espaço que ao acolher a singularidade, fez frente aos ideais e práticas que se colocam a

serviço da uniformização dos modos de gozo (SANTIAGO, 2018, p.1).

A aposta na palavra como algo que visa ir além, na tentativa de se deparar com aquilo que não faz sentido, abre uma via de acesso ao singular de cada um. Não objetiva o consenso ou o simples alívio pela fala, contudo abre espaço para que algo da posição de cada um possa ser deslocada.

A Conversação pode funcionar como uma forma de localizar o mal-estar na cultura atual porque abre as possibilidades para cada membro do grupo questionar-se. É uma modalidade de investigação que, para além da busca de informações, propõe uma intervenção no campo pesquisado. (MIRANDA *et al*, 2006, s/p)

Uma experiência também com o dispositivo das Conversações ocorreu em algumas escolas da região metropolitana de Belo Horizonte, que demandaram ao grupo de pesquisa e extensão *Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital*, que fossem feitas intervenções com o objetivo de fazer a escuta de adolescentes da escola. A Conversação dentro desse espaço foi coordenada por um/uma coordenador/a que ocupava um lugar de não saber prévio diante de qualquer tema que aparecesse no grupo, sendo assim, possibilitava a circulação da palavra entre os participantes, com efeitos subjetivos (DUTRA *et al*, 2020).

Na experiência do nosso grupo de pesquisa e extensão, as queixas das escolas que demandam intervenção geralmente se referem ao uso excessivo dos dispositivos eletrônicos, como tablets e smartphones, aos conflitos entre os adolescentes que têm origem em postagens nas redes sociais e em conversas nos grupos de WhatsApp, bem como às situações de risco em que alguns estudantes se envolvem na internet. Diante disso, são propostos pequenos grupos coordenados por um(a) psicanalista com o suporte de um(a) estagiário(a) estudante de psicologia ou um psicólogo. Os alunos são convidados a participar das conversações, que se organizam em encontros semanais por, aproximadamente, quatro meses, de acordo com o semestre letivo (DUTRA et al, 2020, p.2-3).

Uma das queixas dos adolescentes era o fato de a escola e a família serem para eles lugares de silenciamento, característica que, para eles, a Conversação não possuía, por se tratar de um espaço “especial da escuta” (DUTRA *et al*, 2020, p.3). Nos grupos de Conversação apareciam pontos de mal-estar, com abertura de possibilidade de surgir questões até então não ditas. Um dos grupos é composto por cinco meninos entre 12 e 14 anos, dentre eles Arthur, que inicialmente é o único que não se aproximava dos demais, mas aos poucos foi conseguindo se colocar. Em um dos encontros apareceu a seguinte questão:

Numa conversa sobre como lidar “com as mulheres”, Arthur resolve tomar a palavra, mostrando-se mais experiente que os demais. Os outros consentem com essa “experiência” e o escutam atentamente. Momentos depois, já em outro assunto, um tema, até então jamais mencionado, irrompe de forma surpreendente. Um dos outros quatro meninos evoca um episódio ocorrido anos antes envolvendo Arthur, como autor de uma agressão de teor sexual. Trata-se de uma grave ocorrência de bullying que teve sérias consequências para os envolvidos. Mais uma vez, Arthur toma a palavra e diz: “às vezes, eu tô passando no corredor e escuto alguém falar ‘abusador’. Como se estivesse escrito na minha testa...” (DUTRA et al, 2020, p.9)

À vista disso, aquilo que não era dito passa a ter um espaço para ser falado e com a circulação da palavra autorizada o tema passa a aparecer com frequência. Cada um dos presentes narra a sua experiência com o acontecido. “Mesmo de modo fragmentado, Arthur consegue falar de uma experiência que, até então, restava como um intratável – maneira como ele era tomado pela escola – e um inenarrável” (DUTRA et al, 2020, p. 9). Os cinco dizem que nunca haviam falado sobre isso, o espaço da Conversação possibilitou uma abertura para que fosse dito algo dessa experiência, numa dimensão compartilhada pelos participantes, cada um a partir de sua posição.

Esse espaço de fala só se constitui a partir de um laço transferencial com o próprio dispositivo da conversação, no qual a oferta de escuta equiflutuante, despojada de qualquer julgamento ou direcionamento do que é dito, possibilita a suposição de saber no coletivo e, assim, a construção, mesmo que momentânea, de Outro que reconhece a voz singular de cada sujeito ali implicado. Outro que, por ser também falho e não saber tudo, pode reconhecer, também, os pontos obscuros das narrativas, viabilizando a tessitura de novos sentidos em torno de certas experiências que podemos considerar traumáticas. (DUTRA et al, 2020, p.9)

Nessas experiências de Conversação é possível observar como a abertura de um espaço pode ocasionar a emergência de angústia, dando espaço para que cada um possa falar a partir de si dentro da experiência coletiva. A Conversação aparece não só como um dispositivo que pode tanto ser utilizado como forma de fazer circular a palavra na discussão de um filme, como também para a discussão de casos clínicos, assim como experiência a partir da qual algo do efeito de sujeito possa ser recolhido. Um espaço para o não-saber aparecer e tirar de debaixo do tapete a distância entre ideal e realidade, que causa estranhamento e mal-estar. Uma pesquisa/intervenção que possibilita um encontro como aposta que o novo possa emergir algum efeito de sujeito a partir do mal-estar. Uma aposta no

encontro e no saber de cada um como aberturas para que algo novo possa surgir no discurso.

Referências

- CIEN BRASIL. **BLOG CIEN BRASIL**, 2012. DISPONÍVEL EM:
<HTTP://CIEN-BRASIL.BLOGSPOT.COM/P/CIEN.HTML> ACESSO EM: 10 DE ABRIL DE 2021.
- DUTRA, D. T. *ET AL.* **O RESGATE DA NARRATIVA NA CULTURA DIGITAL: A CONVERSAÇÃO PSICANALÍTICA COM ADOLESCENTES NA ESCOLA.** SUBJETIVIDADES, VOLUME 20, N.1(2020). DISPONÍVEL EM:
<HTTPS://PERIODICOS.UNIFOR.BR/RMES/ARTICLE/VIEW/E8031/PDF> . ACESSO EM 01 MAI. 2021.
- LACADÉE, P. **NO ESPÍRITO DA CONVERSAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM JOGO DA VIDA.** IN: CIEN DIGITAL, N.1, OUTUBRO, 2007. DISPONÍVEL EM:
<HTTPS://CIENDIGITAL.COM.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2018/11/CIEN-DIGITAL11.PDF>. ACESSO EM 2 JUL. 2021.
- LACAN, JACQUES . **O SEMINÁRIO, LIVRO 17: O AVESSE DA PSICANÁLISE.** RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 1992.
- _____. **SUBVERSÃO DO SUJEITO E DIALÉTICA DO DESEJO NO INCONSCIENTE FREUDIANO.** IN: ESCRITOS. TRADUÇÃO DE VERA RIBEIRO. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR EDITOR, 1998.
- _____. **ATO DE FUNDAÇÃO.** IN: OUTROS ESCRITOS. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 2003.
- _____.(1967/2003B). **PROPOSIÇÃO DE 9 DE OUTUBRO DE 1967 SOBRE O PSICANALISTA DA ESCOLA.** IN: OUTROS ESCRITOS. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 2003.
- MAIA, ANA MARTHA WILSON. **O INFAMILIAR E O ÊXTIMO NAS CONVERSÇÕES INTER-DISCIPLINARES DO CIEN.** IN: CIEN DIGITAL, N 23, NOV 2019. DISPONIVEL EM:
<HTTPS://CIENDIGITAL.COM.BR/INDEX.PHP/2019/11/17/O-INFAMILIAR-E-O-EXTIMO-NAS-CONVERSACOES-INTER-DISCIPLINARES-DO-CIEN/#:~:TEXT=ASSIM%2C%20A%20POSI%C3%A7%C3%A3O%20DO%20ANALISANTE,QUE%20EST%C3%A1%20FORA%2C%20NO%20EXTERIOR>. ACESSO EM: 05 JUL. 2021.
- MAIA, ANA MARTHA WILSON MAIA. **UM VAZIO PULSANTE.** IN: CIEN DIGITAL, N. 11, JANEIRO, 2012.

MILLER, JACQUES-ALAIN. **EFEITOS TERAPÊUTICOS RÁPIDOS EM PSICANÁLISE: CONVERSAÇÃO CLÍNICA COM JACQUES-ALAIN MILLER EM BARCELONA.** BELO HORIZONTE: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE- SCRIPTUM LIVROS, 2008.

_____.(2001).**PSICANÁLISE PURA, PSICANÁLISE APLICADA E PSICOTERAPIA.**

DISPONÍVEL EM:

[HTTP://WWW.OPCAOLACANIANANA.COM.BR/PDF/NUMERO_22/PSICANALISE PURA.PDF](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_22/psicanalise_pura.pdf). ACESSO EM 05 ABR. 2021.

MILLER, JUDITH. **O QUE É O CIEN?**. *IN*: BRISSET, F.O; SANTIAGO, A.L.; MILLER, J. "CRIANÇAS FALAM! E TÊM O QUE DIZER. BELO HORIZONTE: SCRIPTUM, 2013.

MIRANDA, MARGARETE PARREIRA *ET AL.* **PESQUISA EM PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: A CONVERSAÇÃO COMO METODOLOGIA DE PESQUISA.** *IN*: PSICANALISE, EDUCACAO E TRANSMISSAO, 6., 2006, SÃO PAULO. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.PROCEEDINGS.SCIELO.BR/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=MSC0000000032006000100060&LNG=EN&NRM=ABN](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100060&lng=en&nrm=abn). ACESSO EM: 24 OUT. 2022.

SANTIAGO, ANA LYDIA. **AS ARMAS DO ANALISTA FRENTE AO DISCURSO RACISTA,** 2018. DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://WWW.EBP.ORG.BR/CORREIO_EXPRESS/EXTRA001/TEXTO_ANA LYDIA.HT ML](https://www.ebp.org.br/correio_express/extra001/texto_ana_lydia.html). ACESSO EM: 24 OUT. 2022.

TAVARES, LEANDRO ANSELMO TODESQUI; HASHIMOTO, FRANCISCO. A PESQUISA TEÓRICA EM PSICANÁLISE: DAS SUAS CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES.

GERAIS, REV. INTERINST. PSICOL., BELO HORIZONTE , v. 6, n. 2, p. 166-178, JUL. 2013 . DISPONÍVEL EM:

[HTTP://PEPSIC.BVSALUD.ORG/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S1983-82202013000200002&LNG=PT&NRM=ISO](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200002&lng=pt&nrm=iso) . ACESSO EM: 24 MAR. 2022.